

Discutiremos aqui questões relacionadas à tradução de uma obra literária nacional em contexto anglófono. Abordaremos a (in)visibilidade não apenas da tradução, mas também de escritoras brasileiras. Para isso, consideraremos a linguagem regional de Rachel de Queiroz (1910-2003) em seu romance de viagem, *Dôra, Doralina* (2017), e a tradução desse romance para a língua inglesa, realizada pela tradutora Dorothy Scott Loos. A publicação de *Dôra, Doralina* no Brasil, no ano de 1975, contribuiu para que a escritora se tornasse a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Jornalista, escritora e tradutora nascida em Fortaleza, Rachel de Queiroz tem escrita considerada próxima da oralidade regional, destacando fatos do nordeste brasileiro e de sua infância no estado do Ceará, buscando desmistificar estereótipos nordestinos de forma próxima de seus leitores. O objetivo deste texto é discutir de que forma a linguagem regional de Rachel de Queiroz, em seu romance *Dôra, Doralina*, é tratada na tradução para a língua inglesa, considerando aspectos relacionados à diversidade cultural brasileira cruzando fronteiras (MATTELART, 2005; BHABHA, 1998), ao etnocentrismo em tradução (Berman, 2013 e Venuti, 2000, 1998 e 1995) e se a busca pela desmistificação do estereótipo nordestino é alcançada, também em tradução, com a transformação do que era estranho, invisível ao leitor estrangeiro em algo próximo a esse leitor.

O romance *Dôra Doralina* retrata a história de uma filha (Dôra) e sua mãe autoritária (Senhora) que vivem em uma fazenda no interior do Ceará dos anos 1930. Dôra vive em conflito sem trégua com Senhora, nunca tratando-a como ‘mãe’ e dirigindo-se a ela como os serviços da fazenda o fazem. Dôra casa, mas permanece no ambiente doméstico, dominado pela mãe, e sua vida de mulher casada torna-se tão sofrida quanto a de solteira. Conflitos familiares afastam Dôra de sua terra e de sua família. As memórias de suas andanças são narradas no romance, que detalha a força de Dôra e descreve as transformações de uma vida contadas de forma envolvente, ora trágica, ora divertida.

¹ Professora Associada IV da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde atua no Curso de Licenciatura em Letras-Inglês e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE). Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Licenciatura em Letras-Inglês pela Universidade Federal da Paraíba. <http://orcid.org/0000-0003-2739-225> e-mail: sinarabranco@gmail.com e sinara.branco@ufcg.edu.br

Para atingir o nosso objetivo, o arcabouço teórico aqui discutido está relacionado aos Estudos da Tradução (Berman, 2013; Brito, 2012; Casanova, 2021; Venuti 2000, 1998 e 1995), à Representação Cultural (Bhabha, 1984; Mattelart, 2005) e à Escrita e suas implicações (Barthes, 2004; Marcuschi, 2007). Nossas considerações se aterão aos caminhos entre a domesticação e a estrangeirização (Venuti, 1995), identificando quais estratégias são utilizadas pela tradutora e se tais estratégias auxiliam o processo para que o leitor estrangeiro perceba o regionalismo brasileiro de Raquel de Queiroz no texto traduzido, reforçando a necessidade e relevância da literatura de viagem para a operação de tradução, no sentido de transformar o estrangeiro – o estranho – no conhecido, transportando o romance de um idioma alheio – o português brasileiro – para o do leitor de língua inglesa (Brito, 2012).

Ao pensarmos em estrangeirização e domesticação, trazemos à tona o argumento de Venuti (1995), ao afirmar que ao tratarmos a produção literária estrangeira, especialmente, as de línguas minoritárias, em qualquer gênero, faz-se necessário levar em consideração questões estilísticas, discursivas, bem como as questões de tradição, valores e crenças, representações sociais, que são fundamentalmente ideológicas, além de interesses particulares de grupos e instituições da cultura minoritária, neste caso, a brasileira. Venuti (1995) afirma que tanto o texto original quanto a tradução são carregados de diversidade linguística e cultural que não são geradas pelo escritor da obra original, nem pelo tradutor, mas que excedem as intenções de ambos, pois desestabilizam a significação de ambas as obras. Estas diversidades se mostram na escrita de Rachel de Queiroz e observaremos como Dorothy Scott Loos, tradutora de *Dôra Doralina*, lida com esses fenômenos em tradução, reforçando que nosso interesse está direcionado à análise do texto traduzido em ambiente anglófono, considerando a visibilidade de *Dôra Doralina* além das fronteiras nacionais.

Para Barthes (2004), não há escrita sem alarde, e considero essa afirmação igualmente verdadeira para a literatura, pois a literatura, seja ela nacional ou estrangeira, começa a compreender a sociedade como sendo uma natureza que a literatura pode reproduzir. Ou seja, a sociedade é um imenso laboratório criativo que pode ser reproduzido infinitamente, das mais variadas formas. Compreendo a ideia de Barthes considerando a escrita como uma das tarefas mais complexas e que exigem dedicação, conhecimento e reflexão, não apenas sobre temáticas específicas, mas sobre como levar tal escrita ao leitor imaginado. O autor argumenta que a literatura começa a se tornar um ato lúcido de informação, prestando contas da situação dos homens “murados na língua de sua classe, de sua região, de sua profissão, de sua hereditariedade e de sua história” (Barthes, 2004, p. 70). Ou seja, ao seguir o estilo da oralidade, Raquel de Queiroz toma a linguagem real dos homens em reflexo de sua escrita,

fenômeno que acontece com seu romance e crônicas sobre o Nordeste brasileiro. Marcuschi (2005) parece dialogar com Barthes (2004), ao afirmar que escrever é uma atividade que exige um movimento para o outro, definindo este outro como seu interlocutor, sendo nessa relação que o próprio autor da obra se constitui. Seguimos esse ponto de vista, pois não apenas o leitor se transporta e se transforma a cada nova leitura, mas também o autor, ao compartilhar a sua criação e sua vivência com leitores diversos. A produção textual exige dedicação e olhar atento para todos os pontos que contribuam para uma produção escrita considerada satisfatória para o leitor, sendo esses pontos relacionados a questões culturais, históricas, contextuais, intencionais ou até mesmo a uma questão extrínseca, como uma solicitação de alguém que necessite de uma produção textual específica, como uma tradução, por exemplo.

Com essas ideias em mente, seguimos o argumento das tradutoras de Bhabha (1998), Myriam Ávila, Eliana Lourenço e Gláucia Gonçalves, ao afirmarem, na nota inicial do livro, que a operação da tradução, por mais literal que seja, envolve uma negociação de significados imbricados na forma, pois o texto da tradução é um texto híbrido, fronteiro, descentrado e ambivalente. Ou seja, retornamos a Marcuschi (2005) com a ideia do movimento para o outro; movimento para a descoberta e reconstrução não apenas do leitor, mas também do autor. Os entre-lugares, seguindo o argumento das tradutoras citadas, fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação, dando início a novos signos de identidade, redefinindo os seres que se envolvem nesse movimento. Bhabha (1998) argumenta que a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em constante andamento, conferindo autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.

Ricoeur (2004) compara o processo tradutório ao luto, ao considerar a tradução como a mediação entre pluralidades culturais, linguísticas, religiosas, territoriais com a função de unir a humanidade, considerando perdas e ganhos nesse processo. Mattelart (2005) corrobora essa ideia, afirmando que o ato tradutório cria a semelhança onde havia diversidade, ou seja, o comparável entre incomparáveis, considerando que não há tradução perfeita – a memória não avança sem o luto. É necessário perder algo para que algo novo surja a partir do que existiu anteriormente. Mattelart afirma ainda que a rememoração e a perda tornam possível o reconhecimento mútuo das culturas, a múltipla interpretação de perspectivas históricas, bem como a infinita tarefa tradutória de uma cultura em outra. Ricoeur (2004) e Mattelart (2005) convergem para a ideia de diversidade cultural como sendo a multiplicidade de meios pelos quais as culturas dos grupos sociais encontram a própria expressão; cultura neste contexto

significando o “conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade” (MATTELART, 2005, p. 140). Venuti (1995, p. 14) se aproxima dessa ideia, afirmando que a tradução é um “ato de violência”, pois a sua viabilidade é estabelecida a partir da relação de condições sociais e culturais para que ela aconteça e seja aceita em ambiente estrangeiro, conseqüentemente, sendo lida. Em outras palavras, o texto original passará por um processo de “reconstituição de acordo com valores, crenças e representações que já existem na língua e cultura-alvo, configurada em hierarquia de domínio e marginalidade que determinam a produção, circulação e recepção de textos²” (minha tradução). O termo ‘violência’ utilizado por Venuti (1995) é justificado por considerar o ato abusivo ou prejudicial para o texto original, quando o tradutor tem que eliminar aspectos da cadeia significativa que constituem o texto original, assim, o luto na tradução é, também, uma violência.

Mantendo em mente os pontos aqui discutidos, consideraremos o texto de Rachel de Queiroz, que oferece ao leitor o contato com um mundo talvez desconhecido, novo. Nesse sentido, a escritora apresenta a fronteira entre mundos: o Nordeste brasileiro e outras regiões do país, ou até mesmo do mundo, não como o ponto onde algo termina, mas como o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente. Para observarmos este movimento de aproximação entre mundos, veremos dois trechos da obra original e da tradução de *Dôra*, *Doralina*, no intuito de observarmos a negociação de significados imbricados na forma dos trechos selecionados. Tendo em mente que a tradução é a reposição forçada de diferenças linguísticas e culturais entre línguas (Venuti, 1995), observaremos se o texto traduzido tende a resultar na operação da tradução que produz o texto fronteiriço, descentrado e ambivalente, gerando o discurso híbrido dos seres traduzidos. Vejamos os trechos:

Trecho original 1:

Senhora era na sua lida, determinando o trabalho dos homens junto com Antônio Amador; ou na queijaria botando o coalho no leite, serviço que ela não confiava a ninguém, ora ralhando, com as cunhãs:

- Menina, varre esse terreno direito, menina, manda Xavinha botar abaixo a barra da tua saia que já estás andando com os gorgomilos de fora! (*Dôra Doralina*, Raquel de Queiroz, 2017, p. 64-65)

² *The reconstitution of the foreign text in accordance with values, beliefs, and representations that preexists it in the translating language and culture. Always configured in hierarchies of dominance and marginality, always determining the production, circulation, and reception of texts.* (Venuti, 1995, p. 14)

Trecho traduzido 1:

Senhora kept at her tasks, figuring out the men's work with Antônio Amador; or she was in the cheese room putting the culture into the milk, a task she didn't entrust to anyone else. Or she was screaming at the help.

"Girl, sweep this yard right, girl have Xavinha let down the hem of your skirt, because you're going about with your cunt exposed!" (Dôra Doralina, Raquel de Queiroz, tradução de Dorothy Scott Loos, 1984, p. 48)

No Trecho traduzido 1 prevalece o tom etnocêntrico, buscando aproximar a linguagem do texto original à cultura e norma de língua inglesa, desconsiderando a essência do estrangeiro, adaptando-o em prol da riqueza majoritária (Berman, 2013). Citando Ricoeur (2004), que associa o processo tradutório ao luto, também considerado um ato violento por Venuti (1995), relacionamos tais ideias a Berman (2013, p. 45), ao afirmar que "a tradução é a captação do sentido, é separar [o texto] de sua letra, de seu corpo mortal, de sua casca terrestre", optando pelo universal e deixando o particular. Ou seja, as perdas aqui são da cultura minoritária em prol da cultura majoritária, fazendo com que o sentido seja captado na língua do leitor-alvo, desconsiderando a chance de o estrangeiro se tornar conhecido à cultura-alvo. Isso é comprovado seguindo os princípios etnocêntricos discutidos por Berman (2013, p. 45), que afirma que "toda marca da língua de origem desaparece, ou é cuidadosamente delimitada", fazendo com que a tradução não choque com "estranhamentos" lexicais ou sintáticos da língua-alvo, que é a língua majoritária. Traduzindo Casanova (2015³), Marie-Hélène Catherine Torres (2021, p. 12) defende, na nota da tradutora, que a tradução tem o papel de "medir o grau de dominação, já que a presença da tradução reduz a dominação". Casanova (2021) argumenta que a riqueza da pluralidade das línguas deve ser preservada, reforçando a comunicação entre elas, inclusive em tradução. A tradução, segundo a autora, aponta desigualdades linguísticas sem correções, pois estranhamentos fazem parte do contato entre línguas e precisam aproximar muito mais do que distanciar as sociedades.

No Trecho 1 acima há a tentativa de normatizar e suavizar termos como 'ralhando', que é omitido, e 'cunhãs' (*the help*), e a frase 'já estás andando com os gorgomilos de fora' (*you're going about with your cunt exposed*). A tradução do Trecho 1 busca causar "impressão" similar tanto no leitor-alvo quanto no leitor de origem, utilizando palavras simples, como no texto original, mas não atingindo essa meta, pois na linguagem utilizada na tradução prevalece a domesticação do texto original. Vejamos o trecho seguinte.

³ Título original: *La langue mondiale: traduction et domination*. Editions du Seuil, 2015.

Trecho original 2:

- O seu tempo de princesa acabou, você agora é uma dona de casa! (Imagine eu dona de casa, na casa dela!) (Dôra Doralina, Raquel de Queiroz, 2017, p. 65)

Trecho traduzido 2:

“Your days as a princess are over. You’re now mistress of a house!”

(Imagine my being mistress of a house, in her house?). (Dôra Doralina, Raquel de Queiroz, tradução de Dorothy Scott Loos, 1984 p. 49)

O tom etnocêntrico é repetido no trecho 2, comprovando a argumentação de discurso etnocêntrico de Berman (2013) e divergindo do projeto de tradução de Venuti (1998), que busca favorecer a relação assimétrica na tradução, por questões éticas. Venuti (1998, p. 11) afirma que a tradução não deve se limitar à “comunicação entre iguais”, pois isso representaria um discurso etnocêntrico, como apresentado por Berman (2013). Em outro momento, Venuti (2000) traz à tona a interrelação das línguas no que pretendem expressar, por contribuírem para o processo de comunicação da tradução. Dessa forma, a interpretação de sentidos realizada pelo leitor-alvo representa a escolha de uma entre várias possíveis interpretações da unidade semântica, como em ‘O seu tempo de princesa acabou’ (*Your days as a princess are over*). Observando o exemplo citado, é relevante mencionar que a tomada de decisão no processo de tradução envolve um sistema semiótico, levando-nos à dimensão pragmática das línguas envolvidas no processo (Venuti, 2000). Em outras palavras, a tradução precisa considerar não apenas normas linguísticas enraizadas, mas também permitir que o texto literário torne o significado impessoal e instável para que seja possível haver inovação textual, provocando condições contraditórias do cânone literário, da cultura dominante e da língua majoritária (Venuti, 1998).

Ao optar pela domesticação, sem considerar a estrangeirização, reforçando que seguimos a ideia de Venuti (1995), não propondo uma oposição binária entre as estratégias, mas uma atitude ética perante o texto a ser traduzido, não é percebido nos Trechos 1 e 2 a produção de uma tradução que produza um texto com características discursivas de resistência à norma linguística da cultura-alvo, auxiliando o processamento cognitivo do leitor-alvo na percepção de nuances da cultura minoritária e sua construção. Optar pela domesticação ou estrangeirização de forma equilibrada favorece a avaliação da relação existente entre o projeto de tradução e a organização hierárquica de valores da cultura-alvo em determinado momento histórico (Venuti, 1995). A tradução tende a contribuir para a reconstrução desses valores, seja

pelo uso de linguagens, pela literatura, por questões culturais ou práticas tradutórias. Reforçamos a necessidade de tradutores e estudiosos da tradução reforçarem a necessidade de revisão de projetos de tradução, submetendo-os à revisão metodológica combinadas ao desenvolvimento cultural, que acontece regularmente em discussões em eventos ao redor do mundo.

Seguindo a proposta de Venuti (1995), devemos ter em mente que o propósito de traduções, especificamente da tradução literária, é apontar as diferenças linguísticas e culturais da literatura estrangeira, e esse propósito é atingido ao se optar por estratégias que gerem a estrangeirização dos textos traduzidos. No entanto, textos como vimos na tradução de *Dôra*, *Doralina* são perceptíveis em suas sutilezas linguístico-culturais do estrangeiro apenas pelo leitor especializado, o leitor que faz parte de uma elite cultural. Tal raciocínio faz-nos confirmar que Berman (2013) acerta ao afirmar que a tradução é etnocêntrica, mesmo quando tenta apresentar peculiaridades do texto original de uma cultura minoritária.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**: seguido de novos ensaios críticos. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo**. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. Tradução: Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini.
- BRITO, Paulo Henriques. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CASANOVA, Pascale. **La República mundial de las Letras**. Tradução: Jaime Zulaika. Barcelona: Editorial Anagrama, 1999.
- CASANOVA, Pascale. **A Língua Mundial: Tradução e dominação**. Tradução: Marie-Hélène C. Torres. Florianópolis: Editora da UFSC; Brasília: Editora UnB, 2021.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.
- MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.
- QUEIROZ, Rachel de. **Dôra, Doralina**. São Paulo: Mediafashion, 2017.

QUEIROZ, Raquel de. **Dôra, Doralina**. Tradução de Dorothy Scott Loos. New York: Avon Books, 1984.

RICOEUR, 2004. **Cultures, du deliu à la tradution**. IN: Le Monde, 25 de maio.

VENUTI, Lawrence. **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2000.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of translation**. London: Routledge, 1998.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: A history of translation**. London and New York: Routledge, 1995.